



PROCESSOS DE ARTICULAÇÃO DE UMA PRÁTICA ARTÍSTICA COMO FORMA DE INTERAÇÃO SUBJETIVA EM UM OUTRO TERRITÓRIO: SÉRIE A_TERRA_DORES

PROCESOS DE ARTICULACIÓN DE UNA PRÁCTICA ARTÍSTICA COMO FORMA DE INTERACCIÓN SUBJETIVA EN OTRO TERRITORIO: SERIE A_TERRA_DORES

Flavia Leme de Almeida¹
FAV - UFG
Associado/a/e ANPAP: não

Resumo: Habitar em um novo território fez minha expressão artística estar influenciada pelas mudanças compulsórias trazidas ao meu corpo e mente. Ao entender que o território é que se torna parte de nós, e não o contrário (Perlongher, 2008), apresento aqui uma série de fotoperformances que refletem a complexidade de me conectar com esse ambiente ainda incógnito, mesclado com a sensação de deslocamento e a busca por pertencer.

Palavras-chave: (Des)Território. Cerrado. Subjetividade. Performance.

Abstract: *Vivir en un nuevo territorio hizo que mi expresión artística se viera influenciada por los cambios obligatorios que se produjeron en mi cuerpo y mi mente. Al entender que el territorio pasa a ser parte de nosotros, y no al revés (Perlongher, 2008), presento aquí una serie de fotoperformances que reflejan la complejidad de conectar con este entorno aún desconocido, mezclada con la sensación de desplazamiento y la búsqueda por pertenecer.*

Keywords: (Des)Territorio. Grueso. Subjetividad. Performance.

¹ Professora Adjunta na Faculdade de Artes Visuais da UFG na disciplina de Cerâmica e Escultura Contemporânea. Possui o Projeto de Pesquisa intitulado "A Cerâmica e suas experimentações". Doutorado (2018) e Mestrado (2009) em Artes Visuais na Linha de Pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos pela Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes da UNESP. Bacharelado (2003) em Artes Plásticas pela mesma instituição. Site: www.flavialeme.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8009-761X>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6562623083838833>



Série A_TERRA_DORES

Estar em um outro território exige certas adaptações para o corpo e a mente que influenciam os processos artísticos de criação. Afinal, esses mesmos processos são subjetivos e atravessam territórios que vão além do espaço geográfico e material mensuráveis. Néstor Perlongher (2008) afirma que não é o sujeito que está no território, mas o território é que está nele. Já Deleuze & Guattari (1997), dizem que o conceito de território é compreendido como o espaço subjetivo onde um indivíduo se sente pertencente e confortável ("em casa"), representando uma apropriação e uma subjetividade fechada.

A sensação de "estar em casa" ou mesmo de sentir que o território me pertence, ainda é uma miragem que se esvai quanto mais eu tento me aproximar dela de modo artificial. Sou uma mulher cis, branca, paulistana e, apesar de ter vivido em alguns cantos desse país, passei a maior parte do tempo morando em na minha cidade natal. Há quase dois anos moro no centro-oeste brasileiro, mais precisamente em Goiânia, sentindo na pele não apenas as alterações climáticas de um cerrado extremamente afetado pela exploração intensiva do agronegócio e suas queimadas, mas questões de ordem sócio-culturais, onde o sertanejo e a sofrência dão o tom às relações de um modo amplificado. De agosto à final de setembro e início de outubro, a seca é predominante nesse bioma. A aridez domina a pele da terra que incendeia com total facilidade e agilidade, devastando e aquecendo ainda mais nossas próprias peles, narinas, pensamentos e (múltiplas formas de) vidas.

A série "a_terra_dores" desenvolvida entre os anos de 2023 e 2024 são um conjunto de fotoperformances que criei como forma de traduzir em ações artísticas, as inúmeras sensações de deslocamento e não pertencimento desse território tão cheio de nuances, que mesclam uma devastação solitária com uma exuberância polifônica. O tríptico "O que não (mata)" é uma sequência de imagens fotográficas onde uso um dos pratos de porcelana herdados da minha avó materna e da minha mãe como recipiente contentor de cinzas oriundas da queimada daquele pasto que outrora era verde e que via quase diariamente. Jogo para o alto o resquício de matéria orgânica que ali habitava e que irá se transformar novamente em mato, como um ciclo nutritivo de vida-morte-vida (Figuras 1-3). Em "C(errado)" o díptico mostra meus pés plantados no chão queimado e no chão rachado. Eu, paralisada entre esses mundos, me vejo sem saber como seguir em um caminho fechado ou errado (Figuras 4-5). Deitada em cima das cinzas, com corpo inerte e vestida de terra ardente, me deixo estar para entender como "Finc(ar)" por ali. Assim, da mesma forma que nua, me viro para o cerrado e tento fixar o meu lugar (Figuras 6-7). No díptico "F(end)a" uso a repetição da mesma pose e destaco as rupturas internas que habitam meu corpo nesse território trincado e fragmentado. Na última e solitária fotografia, "(Eu) Passo" mostro a sola do meu pé esquerdo como um lamento da dor que sinto ao pisar em uma terra dura, quente, plena de cinzas e naturezas mortas. Eu passo por elas e elas por mim.

Assim, permaneço nesse tempo/espaço/território com ganas por assimilar formas de me relacionar com uma geografia que ainda me sinto tão entre e não dentro. Se "as cidades são imensas máquinas [...] produtoras de subjetividade individual e coletiva" (Guattari, 1992, p. 172), eu utilizo deste mesmo aparato para tentar criar formas subjetivas de articulação (e por quê não sobrevivência?) artística e pessoal.



Imagens 1-3. Flavia Leme, O que não (mata), tríptico da série a_terra_dores, Fotoperformance (Fotografia digital), dimensões 594x841mm. Goiânia-GO, 2023/24. Foto: Odinaldo da Costa Silva, 2023.



Imagens 4-5. Flavia Leme, C(errado), díptico da série a_terra_dores, Fotoperformance (Fotografia digital), dimensões 594x841mm, Goiânia/Terra Ronca-GO, 2023/24. Foto: Odinaldo da Costa Silva (1ª), Claudio Graminho (2ª), 2023.



Imagens 6-7. Flavia Leme, Finc(ar), díptico da série a_terra_dores, Fotoperformance (Fotografia digital), dimensões 594x841mm, Goiânia/Terra Ronca-GO, 2023/24. Foto: Odinaldo da Costa Silva (1ª), 2023 e Claudio Graminho (2ª), 2023.



Imagens 8-9. Flavia Leme, F(end)a, díptico da série a_terra_dores, Fotoperformance (Fotografia digital), dimensões 594x841mm, Terra Ronca-GO, 2023/24. Foto: Claudio Graminho, 2023.



Imagem 10. Flavia Leme, (Eu) Passo, da série a_terra_dores, Fotoperformance (Fotografia digital), dimensões 594x841mm, Goiânia-GO, 2024. Foto: Odinaldo da Costa Silva, 2023.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: Vol. 05*. São Paulo: Editora 34, 1997

GUATTARI, Felix. A restauração da cidade subjetiva in *Caosmose: um novo paradigma estético*. Ed. 34: Rio de Janeiro, 1992. p.169- 178

PERLONGHER, N. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008.